

O MEDO NA LITERATURA

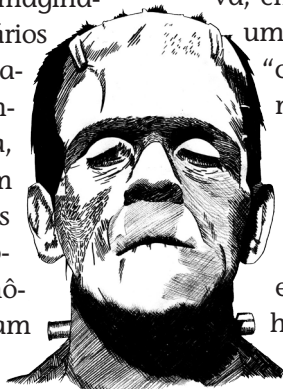
De vampiros a lobisomens, figuras monstruosas assombram gerações literárias há tempos

JULIANA REIGOSA E JULIANA VALENTE

Dos mitos aos livros sombrios, dos contos de terror às histórias de suspense, horror e ficção científica, a literatura do medo cada vez mais conquista leitores. Desde a Antiguidade, o interesse pelo desconhecido leva o homem a criar lendas folclóricas e episódios mitológicos para explicar o que não entende ou conhece. Para muitos estudiosos, a Grécia Antiga é o berço desse tipo de literatura, por ser responsável por histórias como a do Minotauro, o monstro com cabeça de touro e corpo de gigante que vive em um labirinto. Outra criação dos gregos que faz sucesso até hoje é a Medusa, a terrível criatura com cabeleira formada por serpentes e olhar petrificante.

Ao longo dos tempos, a literatura do medo se desenvolveu bastante no mundo. No século XVIII, o estilo gótico construiu narrativas através do uso da psicologia do terror e do imaginário sobrenatural. Cenários como castelos assustadores e masmorras sombrias ganharam força, ao mesmo tempo em que criaturas pavorosas como bruxas, lobisomens, fantasmas, demônios e vampiros foram explorados intensamente.

Já no século XIX,

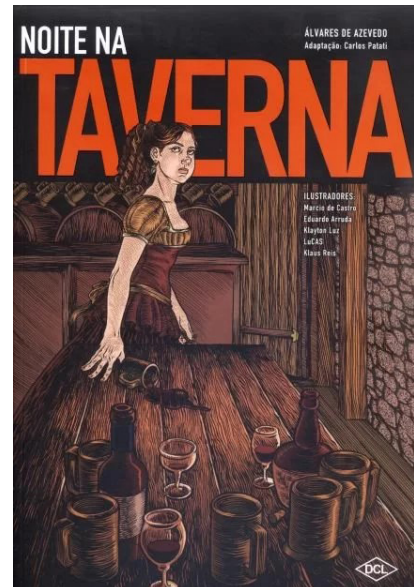


Frankenstein criado por Mary Shelley

surgiu a figura de Frankenstein – doutor que deu vida ao monstro conhecido pelo nome de seu criador –, idealizado em 1816 pela britânica Mary Shelley, na época com 19 anos. Em 1897, o irlandês Bram Stoker criou o Conde Drácula. A história do icônico vampiro tornou-se a mais famosa dos personagens na literatura mundial.

No Brasil, a literatura macabra deu os primeiros passos no século XIX, com José de Alencar e Álvares de Azevedo. Apesar do primeiro ser considerado um dos principais nomes do Romantismo brasileiro, no início da carreira o escritor experimentava dois modelos para criar romances: o primeiro, risonho e leve, inspirado em narrativas pitorescas; outro “merencório, cheio de mistérios e pavores”, fruto das novelas que lera, como registrou no livro *Como e porque sou romancista*, de 1893. Ainda de acordo com José de Alencar, este segundo começava, em geral, “nas ruínas de um castelo” ou em alguma “capela gótica frouxamente esclarecida”.

Por sua vez, Álvares de Azevedo escreveu *Noite na taverna*, que hoje é considerado a expressão máxima do horror nacional. O livro é uma antologia de contos do autor brasileiro ultrarromântico.



Álvares de Azevedo escreveu Noite na taverna, considerado a expressão máxima do horror nacional

Publicada em 1855, três anos após a morte do autor, a história é dividida em sete capítulos, e narrada por um grupo de cinco rapazes que estão abrigados em uma taverna.

Na época, esse tipo de literatura era comum entre os acadêmicos, o que permitia tonalidades extremamente violentas. Porém, a partir da segunda metade do século XIX, os textos de horror deixaram de ser restritos a esse meio e começaram a ser impressos nos jornais de maior circulação. Essa migração, que visava alcançar um público mais amplo, teve como consequência a suavização das histórias, através de abordagens que promovem o aspecto lúdico do medo ficcional, o que resultou na perda de cenários com ruas

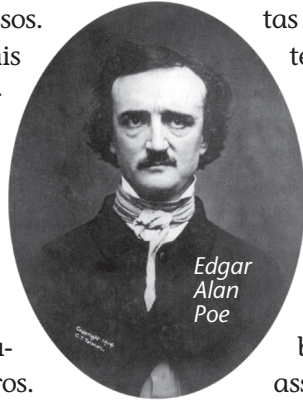
curas e noites de excessos.

As narrativas mais leves com dramas sentimentais passaram a dividir espaço com os mistérios assustadores. Mas, antes de ganhar as páginas dos jornais, a literatura do medo já fazia sucesso entre os brasileiros.

O pesquisador de literatura fantástica e de ficção científica Braulio Tavares ressalta que esse tipo de literatura sempre esteve mais presente na cultura popular, na memória oral, do que na literatura oficial: “As histórias de assombração brasileiras são em grande parte histórias avatares, arquetípicas, réplicas estruturalmente fiéis de narrativas do mundo inteiro, de mil ou 2 mil anos atrás. E há sem dúvida uma grande parte que é resultado de cinco séculos de vida imaginativa. Durante o Romantismo, tivemos alguns flertes com o horror europeu, como na obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, mas as histórias de medo sempre tiveram boa resposta de público nos quadernos brasileiros e no nosso rádio”, disse.

O que é a literatura do medo?

Apesar da semelhança na nomenclatura, as literaturas de terror e horror possuem particularidades e são bem distintas em seus objetivos. A primeira tem uma vertente representada especialmente por Edgar Allan Poe, considerado “O pai dos contos de terror”. Neste tipo, existem histórias que provocam medo por conter elementos do sobrenatural, sombrio, macabro, associados mui-



tas vezes a componentes característicos, por exemplo, da ficção científica. Já a literatura de horror tem elementos essencialmente da natureza psicológica que não abordam nada de sobrenatural. Falam de assassinato, tortura, de

assuntos que causam arrepio e apreensão e estremecem o corpo do leitor.

Na tese *Medo e terror na literatura infanto-juvenil brasileira*, a professora associada do Departamento de Letras da UFRJ, Rosa Gens, aborda essa diferença. Segundo a docente, o horror é uma reação física, enquanto o terror seria uma reação provocada pelo sobrenatural, pelo desconhecido.

A linha tênue entre o horror e o terror fez com que estudiosos tenham adotado nos últimos anos a classificação de “literatura do medo” para abranger os dois gêneros. Junto às histórias de terror e de horror, se misturam narrativas de suspense e de ficção científica, ou seja, histórias fantásticas. Braulio é um desses pesquisadores que preferem usar essa denominação.

“Por contaminação da literatura de língua inglesa, tendemos a designar essa estante com a palavra horror, que é o termo preferido em inglês. Horror, como já foi definido por alguém, é mistura do terror com a repulsa. Portanto, é mais grave que o terror. Já o medo é algo que encamparia não apenas um horror tipo Lovecraft, mas também um tipo de escrita e de temática mais leve, como as de algumas obras de Ray Bradbury, de Neil Gaiman,

e filmes de Tim Burton ou Roger Corman. São também histórias de medo, temperadas não pela repulsa, mas por outros componentes dramáticos: o humor, o bizarro, ou a estilização – explica o estudioso, que é escritor e compositor”, explicou.

Por que sentir medo?

O medo é real, mas a criatura que o provoca não. O universo do medo exerce um grande fascínio entre os espectadores ao se articular com o que é paradoxalmente estranho e íntimo de cada um. A atração pelo gênero provém de uma curiosidade natural do homem de querer conhecer e experimentar o medo com uma relativa segurança. Para a psicóloga Ana Cristina Cantarino, no momento em que o espectador está diante de uma cena horripilante, sente pavor e, de certa forma, prazer, já que possui a certeza de não estar passando por um perigo real. Ana explica que essa sensação prazerosa pode ser sentida quando a pessoa vivencia o medo com uma distância psicológica, sem colocar em risco a própria integridade. “Por que a pessoa gosta de ler textos de horror, ver filmes de terror, séries de televisão macabras? Porque ela quer descarregar a adrenalina em uma sensação de perigo, ao mesmo tempo em que busca uma sensação de prazer. Caso contrário, não existiriam livros de bruxas e demônios, filmes de vampiro, séries de TV sobre fantasmas, entre outras produções do gênero. O contrário acontece com cenas que a pessoa assiste involuntariamente, como um incêndio, um terremoto, um assassinato, uma morte. Esses são episódios reais que a pessoa não

sente prazer. Porém, um livro de terror procurado voluntariamente tem como motivação algum tipo de prazer”, comentou.

Os maiores autores da literatura do medo

A grande referência viva no gênero do medo é o escritor americano Stephen King, reconhecido em todo o mundo como um dos principais escritores de contos de terror, horror fantástico e ficção. As obras de King, que frequentemente estão nas principais listas de best-sellers, já venderam mais de 360 milhões de cópias e foram publicadas em mais de 40 países. Entre os clássicos do mestre do terror moderno estão *O iluminado* (1977), *Carrie* (1974) e *Doutor Sono* (2013). Além disso, seu trabalho já foi adaptado para dezenas de filmes produzidos em Hollywood.

Antes de King, outros dois americanos foram muito importantes para consolidar o gênero no mundo: Edgar Allan Poe e Howard Phillips Lovecraft. Apesar de terem vivido em épocas diferentes, ambos contribuíram para acentuar a dicotomia entre terror e horror. O terror de Poe é mais explícito, enquanto em Lovecraft é sugerido e oculto. A obra de Poe se concentra no universo das histórias de terror psicológico, loucura, doenças, assassinatos, mistério e sobrenatural. Publicado em 1845, *O corvo* é um dos clássicos do autor. Já a obra de Lovecraft faz referência a monstros, divindades ancestrais e horrores antigos. O escritor é conhecido por usar a primeira pessoa para se aproximar do leitor e perturbá-lo. Entre os contos célebres do autor está *O chamado de Cthulhu*, escrito em 1926.

De acordo com Lovecraft, é com



O escritor americano Stephen King, mestre dos contos de terror

Poe que se estabelece um novo direcionamento para a literatura do medo. Em *O horror sobrenatural na literatura*, ele reconhece que “seu tipo de visão pode ter tido precursores, mas foi Poe o primeiro a dar-se conta das suas possibilidades e de dar-lhes forma suprema e expressão sistemática”.

A partir de Poe, a temática do medo passou a ser abordada por meio de uma constante sensação de terror, e não através de imagens aterrorizantes e sanguinolentas. O tema central das obras do escritor do século XIX era a oscilação entre o imaginário e o real.

Grande admirador de Poe, Braulio Tavares organizou em 2010 *Contos obscuros de Edgar Allan Poe*, uma antologia em homenagem ao escritor americano: “Poe ajudou a cristalizar algumas estruturas narrativas do conto moderno, de modo que dificilmente haverá um contista que não acuse alguma influência dele, mesmo indireta. A literatura de Poe despertou em mim desde cedo o interesse pela criptografia (textos cifrados) e pelos estados alterados de consciência.”

Panorama da literatura do medo no Brasil contemporâneo

No Brasil, a literatura do medo não encontra grande desenvolvimento atualmente. Embora o país tenha um imaginário repleto de mitos e lendas, quando se trata de obras com temática sombria, principalmente destinadas a adultos, são poucos os empreendimentos no gênero. Para Braulio Tavares, há mais espaço para ser lido no Brasil para quem faz horror, terror e fantasia macabra do que para quem faz ficção científica. “A literatura do medo talvez seja a única capaz de atingir 100% dos leitores. A ficção científica é, embora não por um propósito seu, só para quem pode”, analisa.

Em um cenário marcado pela internacionalização do mercado literário e pulverização da produção – no qual as novas mídias digitais, a blogosfera (todos os blogs como uma comunidade) e as redes sociais revolucionaram a literatura –, os escritores ainda esbarram nas dificuldades de um mercado irregular e simpático às celebridades instantâneas. Tava



Raphael Montes

res alerta: “se o escritor quer se lançar no mercado para ganhar muito dinheiro, é melhor fazer como muitos estão fazendo: fica famoso por outra coisa, e faz o livro depois”.

Aos 26 anos, Raphael Montes, destaque na literatura policial brasileira, sabe bem o que é isso. Em 2012, encontrou dificuldade para publicar o primeiro livro, *Suicidas*. “O mercado editorial brasileiro é cruel. Existem prêmios literários a autores estreadantes e algumas editoras começam a abrir os olhos para jovens, mas a verdade é que publicar o primeiro livro é complicado”, ressalta o carioca. Ele acrescenta: “Na medida em que o primeiro livro é publicado, você é tachado como promessa, jovem revelação da literatura. A questão é que, quando você é promessa, logo precisa provar que consegue se manter. Não pode chegar ao quinto livro ainda sendo a promessa de um grande futuro escri-



André Vianco, o Senhor do Terror Nacional

tor. Tem que passar a ser o próprio êxito e ter sua qualidade literária” reforça Montes, que coleciona elogios de nomes como o escritor americano Scott Turow, autor dos romances *Acima de qualquer suspeita* (1987), *O ônus da prova* (1990) e *O inocente* (2010).

Na visão do crítico literário e professor titular da PUC-Rio, Karl Erik Schøllhammer, ter voz própria é o que diferencia o escritor que entra no mercado e é lido pela novidade, mas desaparece na hora de tentar se reproduzir, daquele que se firma. “Esse ainda é o grande desafio para muitos, e é difícil dizer, por exemplo, quais são os autores que daqui a 20 anos ainda vão permanecer no mercado”, aponta.

Ele lembra que muitos migram para outros segmentos que envolvem escrita, como roteiristas e jornalistas. Para o crítico literário e tradutor Márcio Seligmann-Silva, o grande desafio para novos escri-

tores é a pulverização da produção literária: “Quem escreve quer criar um nome, se destacar, mas como fazer isso em uma cultura que tende para a horizontalização da massa, perdendo-se em cadeias de redes horizontais? Os que despontam são ou criações efêmeras do mercado, ou conseguiram estabelecer um vínculo com os agenciadores do mercado literário, como a academia e os críticos literários”, falou.

De opinião semelhante à de Seligmann-Silva, Tavares ressalta que o autor que escreve pensando no público, e não na história que conta, corre o risco de não ter público nenhum: “Tem que haver a hora de estudar e avaliar o próprio mercado editorial e a carreira. Escrever com um olho no público é fatal e funciona somente depois que você já ficou milionário. O público gosta de histórias escritas usando os dois olhos. Se aquilo não for envolvente nem para você,



Raphael Draccon, à esquerda e Eduardo Spohr, à direita, integram a nova geração nacional de escritores do medo

que está criando, como vai ser para mais alguém?” – comentou.

Escritores brasileiros em ação

Na capa de *O vilarejo*, primeira incursão de Raphael Montes pelo horror, a atriz e escritora Fernanda Torres ressalta que o carioca “cria uma seleção de histórias macabras digna dos melhores contos dos Irmãos Grimm, sem deixar nada a dever a Stephen King”. Na obra em questão, publicada em 2015, o autor, considerado o “Príncipe do Horror Nacional”, explora elementos do horror gótico e suspense para criar sete histórias situadas em um vilarejo isolado. No fim da leitura, as narrativas, que podem ser lidas em qualquer ordem, convergem para uma única e surpreendente solução.

Além de Raphael Montes, outro brasileiro que tem consegui-

do consolidar o gênero no país é André Vianco, de 40 anos. Considerado o “Senhor do Terror Nacional”, ele é reconhecido por livros sobrenaturais que mesclam terror, suspense, fantasia e romance, em histórias que envolvem, na maior parte das vezes, a temática de vampiros. Entre as principais obras de Vianco estão *Os sete*, *A noite maldita: as crônicas do fim do mundo* e *O caso Laura*.

A lista dos escritores que têm conseguido contribuir, aos poucos, para formar um público de literatura do medo no Brasil ainda inclui nomes como Eduardo Spohr e Raphael Draccon. Ambos são destaques por obras com temática da fantasia. Spohr, de 40 anos, é autor de *A batalha do Apocalipse*, da trilogia *Filhos do Éden*. Já Draccon, de 35 anos, é conhecido pela trilogia *Dragões de éter*. Além disso, ao lado de Raphael Mon-

tes, Draccon integra a equipe de roteiristas da nova série de terror da TV Globo, *SuperMax*, comandada por Marçal Aquino e Fernando Bonassi.

Monstros brasileiros

No Brasil, as lendas, os mitos e o folclore sempre forneceram material para histórias contadas oralmente sobre o medo sobrenatural, principalmente em espaços rurais. No entanto, a ausência de uma tradição de obras literárias sobre personagens nacionais chamou a atenção do escritor Braulio Tavares. De acordo com o pesquisador, a literatura fantástica se alimenta muito de personagens da mitologia grega e de outras culturas, enquanto pouco se lê sobre os seres fantásticos criados e reproduzidos na extensa herança literária brasileira. A partir de então, ele escreveu o livro *Sete monstros brasileiros*, que reúne, em sete contos, histórias inspiradas nas criaturas da mitologia nacional, como o lobisomem e a Iara. Conhecido como um dos maiores especialistas da literatura fantástica no Brasil, Tavares ressalta que o objetivo do livro era explorar, mesmo que de maneira limitada, o rico material do folclore nacional: “Podemos pegar o monstro do jeito que existe em nosso folclore e dar a ele uma roupagem nova, de acordo com as necessidades do conto que estamos escrevendo. Eu usei sete monstros no meu livro (Iara, lobisomem, papa-figo, bradador, porca, zumbi, carbúnculo), mas há dezenas que poderei usar em uma coletânea futura. Estão todos lá, à disposição da imaginação de cada escritor”, explicou. 🧛‍♂️

Sete monstros brasileiros

Instigado pela riqueza dessa tradição, Braulio Tavares reuniu, em sete contos inéditos, histórias inspiradas nas criaturas monstruosas da mitologia brasileira, compondo uma coletânea de aventuras protagonizadas por alguns dos personagens mais assustadores conhecidos no Brasil

Bradador - É um duende que assusta os sertões dos Estados de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Emite berros altos, compassados, intermitentes e horríveis. Atravessa os campos, correndo, todas as sextas-feiras, depois da meia-noite. É uma alma penada



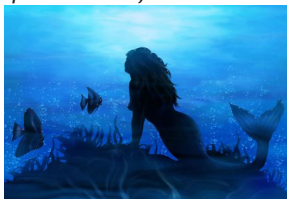
ROGÉRIO CASAGRANDE

Carbúnculo - O carbúnculo é uma espécie de animal místico que teria sido avistado na América do Sul pelos primeiros conquistadores espanhóis. Carbúnculos geralmente são descritos como pequenos animais – gatos, cães ou até aves. O que torna um carbúnculo diferente dos animais comuns é uma joia que ele possui encravada em sua testa. Esta joia lhe confere habilidades especiais, como a capacidade de emitir raios de luz e sentir a emoção e a personalidade das pessoas. Ele usa seus raios para cegar pessoas gananciosas que estejam à procura de sua joia, mas, caso encontre com uma pessoa humilde, a joia cairá de sua testa e será entregue para este sujeito.



ARTE BLOG PORTAL DOS MITOS

lara - Segundo a lenda, a lara é uma sereia que vive no rio Amazonas e canta uma melodia irresistível, atraindo os homens. Ela tem o poder de cegar quem a admira e levar para o fundo do rio qualquer homem com o qual ela desejar se casar.



BRASIL ESCOLA

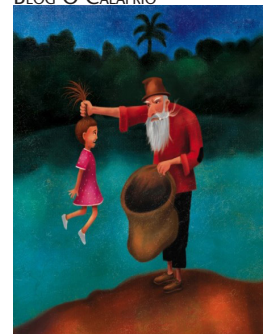
SITE TEU OLHAR



Lobisomem - A figura do lobisomem é a de um monstro que mistura formas humanas e de lobo. Segunda a lenda, quando uma mulher tem sete filhas e, depois, um homem, esse último filho será um lobisomem.

Papa-figo - Conhecido também como o famoso "Homem do Saco", o papa-figo, ao contrário dos outros mitos, não tem aparência extraordinária. Parece mais uma pessoa comum. Outras vezes, pode parecer um velho esquisito que carrega um grande saco às costas. Ele sofre de uma doença rara e sem cura. Para aliviar os sintomas dessa terrível enfermidade ou maldição, o Papa-Figo precisa se alimentar do fígado de uma criança.

BLOG O CALAFRIO



SITE SÓ HISTÓRIA

Porca dos sete leitões -

Conta a lenda que uma baronesa praticava muitas maldades contra seus escravos e, eles cansados de tanta crueldade, resolveram tomar uma atitude.

Um feiticeiro lançou uma magia na baronesa e a transformou em uma porca. Consequentemente os seus sete filhos foram transformados em porquinhos. Segundo dizem, a sina deles é andar fuçando com o focinho no chão à procura de um anel enterrado. Quando encontrarem esse anel, quebrarão o feitiço e voltarão a ser o que eram.

Zumbi - Segundo historiadores, nos contos das amas de crianças, era esse o nome de uma entidade misteriosa, uma espécie de feiticeiro, retraído, frequentador das ruas desertas às altas horas da noite.

SITE FOLCLORE BRASILEIRO ILUSTRADO



Para saber mais

- <http://www.darksidedbooks.com.br/voce-darksiders/> (Editora DarkSide)
- <https://sobreomedo.wordpress.com/> (Blog Sobre o Medo)